

A toponímia italiana do Oeste
de Santa Catarina: um estudo relacional
dos nomes de lugares e a (i)migração

*Italian toponymy in the west
of Santa Catarina: a study of place names
and their relationship with (i)migration*

Fernando Hélio Tavares de Barros*

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil

Marcelo Jacó Krug**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil

Resumo: A relação do nome como a história, a língua e a identidade de um povo é interesse basilar da Onomástica. O presente estudo se guia por esse caminho e tem por objetivo verificar no Oeste de Santa Catarina, “le terre nuove”¹, marcas da identidade italiana em sua toponímia mais rural, considerando nuances da variação, da mudança, da manutenção e da perda dos nomes dentro da história de migração de um dos grupos povoadores dessa região: os ítalo-gaúchos. Para tanto, foram analisados 342 topônimos de um total de 3.826 nomes de lugares recolhidos para o *Corpus Toponímico do Oeste de Santa Catarina* (COTOPOESC), advindos de mapas oficiais do IBGE. A metodologia adotada é a de Dick (1990), uma vez que se trata da taxonomia mais adequada para a realidade brasileira. Para a análise e classificação das formas toponímicas, o estudo consultou diferentes obras lexicográficas e estudos pontuais da Italianística brasileira. A maioria dos 342 topônimos é composta por antropotopônimos (nomes de pessoas, principalmente de famílias) e hagiopotônimos (nomes de santos). O estudo conclui que os sobrenomes e o catolicismo de devoção italiana são as características mais representativas dessa toponímia.

Palavras-chave: Toponímia italiana. Nomes de lugares e imigração. Oeste de Santa Catarina.

Abstract: The relationship between names and the history, language and identity of a people is a basic interest of contemporary Onomastics. This study is guided by this principle and aims to visualize the marks of Italian identity within the rural toponymy in the west of Santa Catarina. The study considered nuances of variation, modifications, maintenance and loss of names within the migration history of one of the groups that settled in this region: the Italo-Gauchos. Therefore, 342 toponyms were analyzed from a total of 3.826 place names collected for the *Toponymic Corpus of the West of Santa Catarina* (COTOPOESC),

* Doutor em Letras/Filologia Românica pela Universität Bremen (UB), Pós-doutorando no PPGEU-UFFS (Campus Chapecó - SC) com bolsa CAPES (PDPG); fernando.helio@unemat.br

** Doutor em Letras/Filologia Românica pela Christian-Albrecht Universität zu Kiel (CAU), Prof. Associado na UFFS (Campus Chapecó - SC); marcelokrug@uffs.edu.br

¹ É com essa denominação - *le terre nuove* - que os nonos e nonas da RCI (Região Colonial Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul) se referem às colônias novas para onde foram muito dos parentes que não regressaram. (Fonte: Caderno de viagem de campo de Fernando Hélio Tavares de Barros a Antônio Prado, RS, novembro de 2023).

from official IBGE maps. The methodology adopted is that of Dick (1990), since it is the most appropriate taxonomy for this specific dataset. In order to analyze and classify the toponymic forms, the study considered different lexicographical works and specific studies of Brazilian Italianistics. Most of the 342 toponyms are anthrotoponyms (i.e. names of people, mainly surnames) and hagiotoponyms (i.e. names of saints). The study concluded that surnames and Italian devout Catholicism are the most representative characteristics of this toponymy.

Keywords: Italian toponymy. Placenames and immigration. West of Santa Catarina.

1 INTRODUÇÃO

Migram os homens, migram as suas línguas e seus nomes. Essa premissa considera que denominar lugares, seres, pessoas, entre outros, é uma atividade significativa do ser humano, “complementar, muitas vezes, do perfeito entendimento da realidade circundante” (Dick, 1990, p. 29). Em particular, o nome de lugar, doravante topônimo, revela inúmeras relações com o modo de ser e de viver do denominador. No caso de milhares de italianos que aportaram em terra brasileira, os nomes trazidos e usados nas denominações geográficas em que se assentaram revelam, além de uma tradição denominativa, a identidade de um povo, os projetos de vida, os sonhos e a esperança daqueles que os fizeram ressurgir na pátria de adoção².

Esse trabalho tem como propósito descrever e analisar o patrimônio toponímico do Oeste de Santa Catarina, que possui laços com a identidade e a história de imigração italiana e seus descendentes. Para tanto, foram usados dados do *Corpus Toponímico do Oeste de Santa Catarina*, doravante COTOPOESC, no qual foram identificadas 342 formas toponímicas dentro de um número de 3.826 nomes de lugares recolhidos de mapas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010 e 2020).

Os dados considerados nesse trabalho foram comparados com os de outro corpus, o *Corpus Toponímico do Rio Grande do Sul* (COTOPORS)³. Além disso, foram considerados como material de consulta e comparabilidade as teses e dissertações desenvolvidas dentro do grupo de Vitalina Maria Frosi, Carmen Maria Faggion e Giselle Olívia Mantovani Dal Corno na Universidade de Caxias do Sul - RS.

O propósito da comparação dos dados vai de encontro com o objetivo de observar tendências, mudanças ou conservações de formas denominativas na realidade toponímica do Oeste de Santa Catarina, uma vez que o processo histórico de colonização como frente de expansão agrícola nessa região tem fortes laços com a terra de origem da maioria de seus povoadores, o Rio Grande do Sul.

Com o objetivo de guiar o leitor, para além da introdução, esse trabalho possui mais quatro partes: 1) o contexto histórico e a toponímia do Oeste de Santa Catarina;

² Trecho baseado na reflexão de Frosi, Faggion e Dal Corno (2008) “i nomi trapiantati in tale area brasiliana rivelano anche l'identità e i progetti di vita, i sogni e le speranze di coloro che li fecero risorgere nella patria di adozione” (Frosi; Faggion; Dal Corno, 2008, p. 405).

³ Corpus que soma aproximadamente 13 mil nomes de lugares do Rio Grande do Sul recolhidos de mapas do IBGE 2010 de municípios de quatro regiões intermediárias (Caxias do Sul, Porto Alegre, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul e Lajeado) e organizados pelos pesquisadores Fernando Hélio Tavares de Barros e Lucas Löff Machado.

2) os aspectos metodológicos e a apresentação dos dados; 3) a análise dos dados e 4) as considerações finais, seguida das referências bibliográficas.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO E A TOPONÍMIA DO OESTE DE SANTA CATARINA

O Oeste Catarinense é uma região composta por montanhas, vales e campos encravados entre os estados do Paraná, ao norte, e o Rio Grande do Sul, ao sul, e a Argentina na sua fronteira mais oeste. Essa região é banhada por vários rios de grande extensão, cujo maior deles é o Rio Uruguai.

É conhecido o fato de essa região, historicamente, ser o território dos povos Kaingang e Guarani. No caso dos Kaingang, sabe-se que muitos nomes de lugares que tinham origem na língua desse povo foram substituídos por outros. É o caso do Rio Uruguai, outrora *Góyo-en*⁴ e do Rio do Peixe, anteriormente *Góyo kuprí* (Schaden, 1938). Outros nomes kaingangs se mantiveram na toponímia, entre eles *Chapecó*⁵ [de *Xa* port. 'cachoeira' + *embetkó* port. 'modo de caçar ratos à noite com fachos']⁶ (Schaden, 1938) e sua variante híbrida *Chapecozínho* [hidrônimo], além da forma *Xanxerê*⁷ [de *Xanxe* port. 'cascavel' + *rê* port. 'campo'] (Schaden, 1938) e *Xaxim* [de *Xa* port. 'cachoeira' + *xim* port. 'pequena'] (Schaden, 1938), esse último denominando um rio e um município. Os nomes do tupi e guarani são bem mais abundantes, aparentemente, e estão espalhados por toda a referida área geográfica, denominando cidades, como *Cunhaporã* [de *kuña* port. 'mulher' + *porã* port. 'bonita'] (Navarro, 2013), rios: *Peperiguaçu* [de *Peperi*⁸ port. 'juncal' + *guaçu* port. 'grande'] (Furtado, 1969), entre outros elementos geográficos, levando, principalmente nomes autóctones de plantas (*Sanga Araçá*; *Linba Gabiroba*, etc.) e animais (*Sanga Macuco*; *Lajeado Jataí* etc.). Cabe mencionar que boa parte desses nomes certamente não foram atribuídos pelos indígenas e sim pelos povoadores da fronteira agrícola.

Conforme Ruscheinski (1996), no final do séc. XVIII se inicia a definição dos limites geográficos entre o Brasil e a Argentina, concomitantemente ao estabelecimento das fronteiras entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É nesse momento que o “homem branco” vindo das áreas mais antigas de colonização luso-brasileira (RS, PR e leste de SC) entra em conflito com as populações indígenas locais

⁴ No entanto, esse nome denomina duas localidades à beira do Rio Uruguai uma do lado sul-riograndense e a outra do lado catarinense.

⁵ Denomina um rio e um município no Oeste de SC.

⁶ “Diz Telemaco Borba que os Kaingang acharam semelhança entre as pescarias de cascudos no Rio Chapecó e a caça feita, de noite, aos ratos, explicando assim a origem do nome” (Schaden, 1938, p. 30). Cabe mencionar ainda que há outras propostas para explicar a origem desse nome. Na descrição etimológica de Chapecó presente no portal IBGE Cidades encontra-se a seguinte passagem: “Chapecó é palavra de origem Kaingang com várias interpretações: ‘chapadão alto’, ‘chapéu feito de cipó’ e ‘põe no chapéu’ para nativos da língua. Segundo pesquisas feitas pelo Dr. Selistre de Campos, a palavra origina-se dos termos ‘echa’ + ‘apê’ + ‘gô’, que na língua dos nativos significa ‘donde se avista o caminho da roça’. Tal qual diz Vicenzi (2008). Na descrição etimológica de Chapecó presente no portal IBGE Cidades encontra-se a seguinte passagem: “Chapecó é palavra de origem Kaingang com várias interpretações: ‘chapadão alto’, ‘chapéu feito de cipó’ e ‘põe no chapéu’ para nativos da língua. Em uma conversa informal com um morador da Terra Indígena Kaingang de Iraí - RS, ele disse que *Chapecó* significa ‘chapéu feito de cipó’. (Caderno de viagem de campo de F. H. Tavares de Barros, Iraí - RS, 28 de janeiro de 2024).

⁷ Denomina um município no Oeste de SC.

⁸ Na proposta de Sampaio (1987), *Pipír-y* é denominação para “a água ou rio de ferver; a água borbulhenta ou cheia de fervuras” (p. 301).

para iniciar as suas primeiras atividades produtivas. Assim, o comércio da madeira e a exploração extensiva dos campos gerais por meio da pecuária e a criação de porcos⁹ passam a ser a atividade mais presente nessa porção geográfica, visto que havia ali abundância de pinhais. Segundo o referido autor (1996), é nesse período que se inicia a chegada de especuladores de terras provenientes de São Paulo e Paraná¹⁰, trazendo para o interior catarinense a contribuição da cultura caipira, ou seja, luso-brasileira¹¹ de origem paulista na toponímia regional. Uma das personagens desse contributo é a da abastada fazendeira Francisca de Paula Souza Queiroz, conhecida pelo título de “baronesa de Limeira” [relativo a Limeira - SP] (Vicenzi, 2008), cujo topônimo *Linha Baronesa de Limeira* (localidade rural de Chapecó - SC) certamente surgiu em sua homenagem.

Junto com os paulistas veio a devoção à Nossa Senhora Aparecida¹², à imagem da virgem Maria de cor preta e de manto azul retirada em 1717 das profundezas do Rio Paraíba do Sul por três pescadores. Segundo Poel (2013), tratava-se da imagem de N. S. da Conceição sem a cabeça. O nome dessa virgem é muito abundante na toponímia do Oeste Catarinense, contabilizando 28 ocorrências. Isso revela um *continuum* de uso no espaço toponímico de São Paulo e Minas Gerais¹³ até Santa Catarina, visto que no Paraná é o nome de Nossa Senhora mais abundante, segundo os dados de Ananias (2020). Também cabe mencionar a presença de todo um léxico toponímico relacionado ao tropeirismo e à cultura cabocla de raízes sul-rio-grandense¹⁴. É o caso, por exemplo, dos hispanismos integrados ao português *Passo*, *Sanga*¹⁵ e *Rincão*¹⁶ na condição de elementos genéricos.

Após o período de contestação e posição de acordo com a Argentina¹⁷, o Oeste Catarinense se torna uma região de chegada de um enorme contingente populacional, principalmente a partir de 1930, de descendentes de italianos, alemães e poloneses

⁹ É bem provável que os topônimos *Lajeado dos Porcos* (um em Bandeirante - SC, outro em Abelardo Luz - SC e um último em Ipira - SC), *Sanga dos Porcos* (Nova Itaberaba - SC), *Região dos Porcos* (São Miguel do Oeste - SC), *Córrego dos Porcos* (Ouro Verde - SC) tenham suas raízes nesse passado.

¹⁰ Cabe mencionar que o Paraná só se emancipa da Capitania de São Paulo em 1853. (Cardoso; Westphalen, 1986).

¹¹ Usamos a definição de Darcy Ribeiro (1995) e também de Filipak (2002) que caracteriza o caipira como “o descendente do indígena e do português” próprio da cultura surgida no mundo rural de São Paulo. O termo também é usado como sinônimo de *matuto*, *caboclo*, *capiau*, *jeca*, *tabaréu*, *sertanejo* (Borba, 2002).

¹² Ela é também conhecida nos rincões mais remotos do Estado de São Paulo como Nossa Senhora da Capela (Poel, 2013).

¹³ Segundo Carvalho (2014), N. S. Aparecida é o nome de santa mais ocorrente na toponímia mineira.

¹⁴ Conforme Marquetti e Silva (2015), inicialmente, o termo *caboclo* foi usado para denominar o indígena que ocupava as terras do interior do Brasil ou para designar o ‘homem do mato’. Em seguida, o termo passou a ser empregado para se referir ao mestiço do português e espanhol com o indígena ou o africano. “O caboclo é um dos habitantes das fronteiras do sul do Brasil, que aí vive desde o período anterior à chegada dos colonizadores de origem européia, sobretudo italianos, alemães e poloneses”. (idem, 2015, p. 109).

¹⁵ Com raízes no hisp. *zanja* (ver Aulete Online; ERA).

¹⁶ “lugar retirado ou oculto, recanto’ XVI, *rancon* XIII / Do cast. *rincón*, anteriormente *rancón*, deriv. do ár. vulg. *rukún* (cláss. Rukn)” (Cunha, 2007, p. 685).

¹⁷ “As terras da região Oeste de Santa Catarina e Paraná, embora de posse pelo Brasil, eram contestadas pela Argentina, até a assinatura do acordo de 1895. A solução desse conflito foi mediada pelo presidente Cleveland dos EUA” (Ruscheinski, 1996, p. 163).

vindos do Rio Grande do Sul. Essa chegada, assim como contextualiza Radin (2015), é motivada pelas dificuldades advindas do crescimento demográfico; pela falta de oferta de lotes que impulsionava a demanda de terras nas fronteiras agrícolas que iam se abrindo; pelo esgotamento da terra que se agravava pela falta de técnicas de recuperação de solos; entre outras razões que tornaram difícil a subsistência dos colonos no Rio Grande do Sul. É nesse momento que é transplantado para o Oeste de Santa Catarina um modelo de minifúndio (pequenas propriedades rurais) que se baseia na pequena exploração agrícola, ou seja, uma “atividade agrícola desenvolvida na base da policultura e da pequena produção de caráter mercantil” (Ruscheinski, 1996, p. 163).

Portanto, o tipo de divisão territorial formado pelas estradas que interligam os minifúndios aos pequenos aglomerados urbanos é replicado do Rio Grande do Sul (RS) para o Oeste Catarinense. Contudo, os dados reunidos para COTOPOESC apontam um empobrecimento na terminologia usada nas denominações de elementos genéricos para as estradas rurais. Denominações como “travessão” e “picada”, comuns no RS para denominar estradas rurais, foram pouco encontradas no contexto Oeste de Santa Catarina. O termo mais comum para tal elemento geográfico é “linha”.

Após o assentamento do luso-brasileiro, a chegada de outro contingente alóctone no Oeste Catarinense, dessa vez composto, principalmente, por povoadores de origem alemã, italiana e eslava, vai produzir uma nova camada no tesouro toponímico dessa região. Nela, os dados do COTOPOESC apontam que o elemento italiano é o preponderante, seguido do alemão e, minoritariamente, do eslavo. Os dados recolhidos resultaram em 342 nomes de lugares com palavras do italiano (italianismos) ou relacionados à história da imigração italiana encontrados; 75 topônimos com palavras do alemão ou relacionados à história da imigração alemã; e, de 8 denominações de origem eslava ou relacionados à imigração eslava, principalmente, polonesa.

Na contemporaneidade, o Oeste de Santa Catarina passa pelo processo de formação de novas camadas linguísticas em sua toponímia, principalmente em contexto urbano, uma vez que chegaram nos últimos 20 anos muitos imigrantes vindos do Haiti, da África (Senegal, Congo, etc.) e por último da Venezuela. Porém, se trata de uma contribuição de estrato toponímico muito recente e que é perceptível apenas na microtoponímia, principalmente em nomes de comércios¹⁸.

Apesar dos inúmeros interesses que esses dados podem despertar, nos concentramos nesse estudo à macrotoponímia, ou seja, os nomes de lugares de origem italiana de contexto mais rural que urbano. Na seção seguinte, se encontram os aspectos metodológicos adotados nesse trabalho e a apresentação dos dados selecionados.

3 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O estudo do nome de lugar é interesse particular da Onomástica. Essa ciência se ocupa em investigar fenômenos e aspectos relacionados ao nome próprio. A maioria

¹⁸ Salta aos olhos a presença de pequenos estabelecimentos que vendem empanadas venezuelanas, principalmente, no terminal de ônibus urbanos de Chapecó. Há vários anúncios de estabelecimentos de venezuelanos em grupos de plataformas de redes sociais. No caso dos haitianos, as pequenas lojas de produtos de beleza e de corte e penteado à moda africana.

das investigações feitas nessa área se atentou a dois grandes tipos de nomes próprios: os nomes de pessoas (Antroponímia) e os nomes de lugares (Toponímia). Contudo, a Onomástica não se limita a esses dois ramos de interesse, ela também se ocupa de outras classes de nomes, como é o caso dos nomes de animais, de comércios e marcas comerciais, de astros, entre outros.

No que tange o estudo da toponímia no Brasil, a metodologia de classificação dos nomes mais utilizada é a de Dick (1990), uma vez que é a mais apropriada para a realidade brasileira. Por essa razão adotamos esse sistema taxonômico para analisar o nosso corpus. Cabe mencionar que o modelo de Dick (1990) teve contribuições posteriores, como a de Isquerdo (1996) na classe dos animotopônimos.

A italianística brasileira produziu, até o momento, poucos trabalhos na área de Onomástica. Em particular sobre a toponímia de origem italiana, a maioria das pesquisas se encontra no repositório de teses e dissertações¹⁹ da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pertencem ao grupo de orientação das professoras eméritas Vitalina Maria Frosi, Carmen Maria Faggion e Giselle Olívia Mantovani Dal Corno. Esse conjunto de estudos foi muito bem descrito no trabalho de Eckert (2020) e são de imensa importância para comparabilidade com os nossos dados. Fora do contexto da serra gaúcha, se encontram os trabalhos de Cordeiro, Lourenço e Cunha (2021) sobre o modificador 'novo' na toponímia italiana do Brasil; o de Beloni e Borstel (2016) sobre a toponímia italiana no contexto urbano de Cascavel-PR; o de Filgueiras (2011; 2016) sobre a toponímia italiana na cidade de Belo Horizonte e o de Tavares de Barros, Löff Machado e Philippsen (2018) sobre sobrenomes italianos em nomes de fazendas em Sorriso - MT, município de colonização ítalo-gaúcha no Norte de Mato Grosso.

A recolha dos dados que compôs o *Corpus Toponímico do Oeste de Santa Catarina* (COTOPOESC) foi feita por meio da consulta de mapas municipais do IBGE. Isso significa que a maioria dos topônimos recolhidos é de localidades rurais, da macrotoponímia do Oeste Catarinense, visto que pouco da microtoponímia (referente à zona urbana) constava nos mapas oficiais do IBGE. A região selecionada diz respeito à Região Geográfica Intermediária de Chapecó, que popularmente é conhecida como Oeste Catarinense e reúne 109 municípios, distribuídos em sete regiões geográficas imediatas: 01. Chapecó; 02. Joaçaba-Herval d'Oeste; 03. São Miguel Oeste; 04. Concórdia; 05. Xanxerê; 06. Maravilha; 07. São Lourenço do Oeste. Para esse estudo, apenas a região imediata de Joaçaba-Herval d'Oeste não foi considerada, pois os dados dessa região ainda não foram recolhidos e organizados. Portanto, só foram levantados dados, até o momento, de 91 municípios.

O procedimento da recolha dos nomes foi manual. Num arquivo Word foi feito uma coluna para cada município e dentro dela foram transliterados em formato de lista os nomes encontrados no mapa. Para cada tipo de elemento geográfico foi criado um código abreviatura, o que facilitou na contagem total das formas toponímicas recolhidas para o corpus. A grafia encontrada nos mapas foi conservada na transposição do nome para a lista. Em seguida, cada nome encontrado recebeu uma ficha toponímica, na qual se reúnem informações sobre a etimologia do nome, a

¹⁹ Nos referimos aos trabalhos de Baretta (2012); Cioato (2012); Bertolletti (2016); Dal Pizzol (2014); Misturini (2014; 2018); Sartori (2010); Silva (2011) e o de Pegoraro (2013). Esse último, no entanto, trata da toponímia da Quarta Colônia Italiana, que se encontra fora da RCI.

variação gráfica, a localização geográfica, a motivação, a classificação e as informações enciclopédicas, como por exemplo, os dados históricos.

No tópico seguinte, se apresenta a natureza dos dados considerados e uma breve análise dos aspectos encontrados.

4 CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS DA TOPONÍMIA ITALIANA NO OESTE DE SANTA CATARINA

Do total de 342 topônimos recolhidos para o corpus do COTOPOESC classificados como relacionados à língua e a história da imigração italiana, temos 264 antropotopônimos; 60 hagiopotônimos; 14 animotopônimos; 2 hierotopônimos; 1 geomorfotopônimo; 1 etnotopônimo.

A classe mais abundante é a dos antropotopônimos. Na maioria dos casos, compostos por sobrenomes de famílias. Nos estudos toponímicos na RCI, essa taxa toponímica é também a mais abundante no estudo de Baretta (2012), Bertoletti (2016) e Frosi (2010). Segundo Frosi (2010) há, “na cultura italiana, uma tendência a privilegiar os nomes de pessoas, talvez, como forma de preservar na memória, através dos hodônimos, aquelas vidas que o silêncio envolveu” (p. 70). Uma das explicações aventadas por Frosi (2010) é o entendimento que os acontecimentos de cunho histórico e político no contexto brasileiro que acarretaram numa coibição de “manifestações linguístico-culturais italianas, com reflexos nas denominações dos logradouros” (p. 70). Nesse contexto, a autora salienta, que no caso de nomes de ruas de Caxias do Sul, “as ruas que tinham nomes italianos de lugares tiveram suas denominações suprimidas e substituídas por nomes luso-brasileiros. Como solução, os italianos passaram a atribuir aos logradouros nomes de pessoas” (p. 70).

Com o auxílio das obras lexicográficas que tratam especificamente da descrição dos sobrenomes italianos, nomeadamente, os dicionários de Caffarelli e Marcato (2008); De Felice (1986); Mioranza (1997) e Francipane (2005) foi possível classificar e encontrar cada forma toponímica que, num primeiro olhar, aparentava ser um antropônimo. Em alguns casos, também foram consultados o *Dizionario di Toponomástica* de Queirazza et al. (1997) que trata dos nomes de lugares da Península Itálica, o dicionário de sobrenomes brasileiros de Guérios (1994) e outros dicionários de sobrenomes de outras nacionalidades.

Na tabela seguinte se encontram os 264 antropotopônimos encontrados no corpus desse estudo.

Tabela 1 – Antropotopônimos.

Formas toponímicas
<i>Linha Acordi</i> (Lindóia do Sul - SC); Adelino Frigo (Descanso - SC); <i>Linha Adolfo Zinguelli</i> (Bandeirante - SC); <i>Linha Adolfo Ziqueli ou Zigueler</i> (Paraíso - SC); <i>Linha Andreola</i> (São Domingos - SC); <i>Linha Antonioli</i> (Irani - SC); Ari Lunardi (Bairro de Xaxim - SC); <i>Fazenda Alberti</i> (Marema - SC); Anita Garibaldi (Xaxim - SC); <i>Prop. de Antônio Sorgatto</i> (Cordilheira Alta - SC); <i>Linha Baesso</i> (Serra Alta - SC); <i>Linha Bambi</i> (Cunha Porã - SC); <i>Linha Balbinot</i> (Seara - SC); <i>Linha Baron</i> (Bom Jesus do Oeste - SC); <i>Sítio Barichelo</i> (Abelardo Luz - SC); <i>Linha Batistello</i> ou Bastistelo (Chapecó - SC); <i>Linha Bedin</i> (Ipumirim - SC); <i>Linha Benedetti</i> (Ouro Verde - SC); <i>Linha Berganini</i> (Quilombo - SC); <i>Linha Bernardi</i> (Seara - SC); <i>Linha Bernardi</i> (São Domingos - SC); <i>Linha Bertier</i> ou <i>Linha Berthier</i> (São Domingos - SC); <i>Linha Bessegatto</i> (São Lourenço do Oeste - SC); <i>Linha Bettu</i> (Guatambu - SC); Bianchi (São Lourenço do Oeste - SC); Bianqueto (Serra Alta - SC); <i>Linha Biasi</i> (Sul Brasil - SC); <i>Linha Biondo</i> (Xavantina - SC); <i>Linha Burin</i> (Descanso - SC); Bisutti (São José do Cedro - SC); <i>Linha Bitarello</i> (Nova Erechim - SC); <i>Estrada dos Bondan</i> (Paraíso

- SC); *Linha Bolsoni ou Bolsone* (Guatambu - SC); *Lajeado Boroni* (Cunha Porã - SC); *Linha Bortolini* (Novo Horizonte - SC); *Boscatto* (Arabatã - SC); *Linha Boscato* ou *Boscatto* (Concórdia - SC); *Linha Botega* (Coronel Martins - SC); *Linha Usina Bragagnolo* (Passos Maia - SC); *Granja Brandalize* (Abelardo Luz - SC); *Brezolin* (Santiago do Sul - SC); *Busanello* (Galvão - SC); *Fazenda do Buzzet* (Ponte Serrada - SC); *Núcleo da Indústria Caldatto* (Campo Êre - SC); *Vila Caldatto* (Campo Êre - SC); *Pesqueiro Caleffe* (Xanxerê - SC); *Linha Caliani* (Coronel Martins - SC); *Capelesso* (Abelardo Luz - SC); *Linha Catani* ou *Cattani* (Caxambu do Sul - SC); *Catani* (Guarujá do Sul - SC); *Cpo. Carlos Balvinot* (Concórdia - SC); *Linha Carraro* (Nova Itaberaba - SC); *Lajeado Casagrande* (Irani - SC); *Linha Cason* (Lindóia do Sul - SC); *Linha Casarin* (Ipuacu - SC); *Linha Cassol* (São Miguel da Boa Vista - SC); *Cavazotto* (Palmitos - SC); *Ceccon* (Caxambu do Sul - SC); *Linha Cegalim* (Formosa do Sul - SC); *Estádio Celeste Roman* (Palmitos - SC); *Colônia Cella* (Chapecó - SC); *Cembrani* (Guarujá do Sul - SC); *Linha Ceron* (Ipuacu - SC); *Linha Chenet* (Lajeado Grande - SC); *Loteamento Chiossi* (Xavantina - SC); *Serraria Chirelli* (Abelardo Luz - SC); *Linha Cischini* (Bom Jesus do Oeste - SC); *EBM Serr. Irmãos Colombo* (Presidente Castello Branco - SC); *Comunelo* (Formosa do Sul - SC); *Linha Conte* (Formosa do Sul - SC); *Linha Contessi* (Lajeado Grande - SC); *Linha Cordasa* (Irati - SC); *Cunico* (Novo Horizonte - SC); *Córrego Cunico* (Novo Horizonte - SC); *Linha Dalbello* (Ipira - SC); *Linha Dalchiavon* (Nova Itaberaba - SC); *Linha Dal Piva* (Vargeão - SC); *Serraria Dall Piva* (Campo Êre - SC); *Linha Dall Piva* (Campo Êre - SC); *Linha Dalla Costa* (Concórdia - SC); *Linha Debortoli* (São Domingos - SC); *Linha Decarle* (Concórdia - SC); *Loteamento Di Fiori* (Bairro de Guatambu - SC); *Faz. Donato* (Xaxim - SC); *Fazenda Donato* (Xanxerê - SC); *Bela Vista Dorigon ou Durigon* (Descanso - SC); *Linha Durigon* (Presidente Castello Branco - SC); *Loteamento Domingo Pegorini* (Xavantina - SC); *Elizabetha Andreazzo Pavan* (Concórdia - SC); *Linha Estivalet Pires* (Xavantina - SC); *Granja Fachinelo* (Faxinal dos Guedes - SC); *Fantim* (Palmitos - SC); *Linha Favareto* (Coronel Freitas - SC); *Linha Fazolo* (Xavantina - SC); *Linha Ferrazzo* (Xavantina - SC); *Linha Filipini* (São Lourenço do Oeste - SC); *Açude Vila Florindo Folle* (Xaxim - SC); *Cezar Fonini* (Xaxim - SC); *Loteamento Frigo* (Presidente Castello Branco - SC); *Linha dos Frigo* (Presidente Castello Branco - SC); *Linha Frozza* (Faxinal dos Guedes - SC); *Linha Galiazzi* ou *Galiacci* (Pinhalzinho - SC); *Arroio Galoti* (Faxinal dos Guedes - SC); *Sanga Gambi* (Cunha Porã - SC); *Linha Garibaldi* (Nova Itaberaba - SC); *Linha Gasperim* (Concórdia - SC); *Linha Gasperini* (Concórdia - SC); *Linha Giacomini* (Cordilheira Alta - SC); *Linha Fazenda Giongo* (Coronel Martins - SC); *Comunidade Linha Giongo* (Coronel Martins - SC); *Linha C. D. R. Jjordani / Linha Jjordani* (São Lourenço do Oeste - SC); *Linha Giroto* (Xavantina - SC); *Linha Giusti* (Xavantina - SC); *Grandos* (Concórdia - SC); *Grando* (Serra Alta - SC); *Industrial Grando* (Ponte Serrada - SC); *Escola Herminia Grando* (Ponte Serrada - SC); *Isoton* (Águas Frias - SC); *Estrada Ivo Dalmagro* (Caxambu do Sul - SC); *Estrada Ivo Ghelle* (Caxambu do Sul - SC); *Linha Jordaninho* (Irati - SC); *Linha Jordani* (Irati - SC); *Colônia Júlio Longo* (Piratuba - SC); *Linha Liberato* (Ponte Serrada - SC); *Granja Locatel* (Xanxerê - SC); *Lorenzatt* (Irani - SC); *Propriedade dos Lunardi* (Marema - SC); *Linha Luvison* (Passos Maia - SC); *Linha Manfroi* (São Domingos - SC); *Recanto Mânica* (Princesa - SC); *Granja Manteli* (Coronel Freitas - SC); *Linha Marafon* (Saltinho - SC); *Linha Marafon* (Xavantina - SC); *Linha Marchesan* (Concórdia - SC); *Linha Marchioro* (Coronel Freitas - SC); *Linha Marcon* (Palmitos - SC); *Sanga Marcon* (Galvão - SC); *Linha Marcon* (Chapecó - SC); *Linha Marcon* (Jupiá - SC); *Linha Marcola* (Ipira - SC); *Linha Marini* (Vargeão - SC); *Linha Marini* (Nova Itaberaba - SC); *Linha Marmontini* (São Domingos - SC); *Linha Marteli* (Coronel Freitas - SC); *Linha Martinazzo* (Piratuba - SC); *Linha Matchielo* (Marema - SC); *Cpo. Mauro Rosina* (Quilombo - SC); *Linha Meneghetti* (Maravilha - SC); *Meneghetti* ou *Menegeti* (Modelo - SC); *Linha Meneghetti* (Concórdia - SC); *Meneghetti* (Concórdia - SC); *Linha Mezari* (Novo Horizonte - SC); *Distrito de Vila Milani* (São Domingos - SC); *Comunidade Milani* (São Bernardino - SC); *Linha Miola* (São José do Cedro - SC); *Aviário Moacir Paludo* (Iporã do Oeste - SC); *Linha Mosconi* (Xavantina - SC); *Linha Narzetti* (Modelo - SC); *Aeródromo Olavo Cecco Rigon* (Concórdia - SC); *Assentamento Olivio Albani* (Campo Êre - SC); *Linha Orsolin* (Palmitos - SC); *Fazenda Paglia* (Abelardo Luz - SC); *Rincão Pagliosa* (Abelardo Luz - SC); *Granja Pagnasat* (Xaxim - SC); *Linha Palaoro* (Xaxim - SC); *Linha Paludo* (Xavantina - SC); *Linha Parizotto* (Serra Alta - SC); *Linha Parmegiani* (Xanxerê - SC); *Linha Pedron* (Vargeão - SC); *Serraria Pedro Dametto* (Concórdia - SC); *Linha Pegoraro* (Águas de Chapecó - SC); *Linha Pelegriani* (Guaraciaba - SC); *Pelisser* (Caíbi - SC); *Linha Pelizza* (Xavantina - SC); *Linha Perini* (Palma Sola - SC); *Linha Perondi* (Guaraciaba - SC); *Linha Perosso* (Planalto Alegre - SC); *Linha Peruzzo* (Formosa do Sul - SC); *Prop. Petrin* (Mondaí - SC); *Vila Linha Piceti* (São Domingos - SC); *Linha Pieta* (São Lourenço do Oeste - SC); *Linha Pigosso* (Irani - SC); *Linha Poletto* (Maravilha - SC); *Linha Poletto* (Concórdia - SC); *Lajeado Polidoro* (Ipumirim - SC); *Linha Polidoro* (Ipumirim - SC); *Linha Possato* (Guarujá do Sul - SC); *Linha Pozzer* (Arvoredo - SC);

FLP 25(2)

Ragazzon (Modelo - SC); **Linha Ramenzoni** (Pinhalzinho - SC); **Linha Ramenzoni** (Nova Erechim - SC); **Linha Serraria Reatto** (Chapecó - SC); **Linha Rebelatto** (Ipuacu - SC); **Rene Damo** (Palma Sola - SC); **Linha Rigon** (Concórdia - SC); **Linha Rizzi** (Arvoredo - SC); **Linha Rosalino Nardi** (Arvoredo - SC); **Linha Rosina Nardi** (Seara - SC); **Linha Rosseto** (Lindóia do Sul - SC); **Granja Rossoni** (Quilombo - SC); **Linha Rovaris** (Novo Horizonte - SC); **Linha Roversi** (Caibi - SC); **Linha Sacheti** (Quilombo - SC); **Cachoeira Salto Cadore** (Princesa - SC); **Linha Salvi** (São José do Cedro - SC); **Linha Santin** (Caxambu do Sul - SC); **Linha Santin** (Galvão - SC); **Vila Santin** (Faxinal dos Guedes - SC); **Linha Sartori** (Serra Alta - SC); **Linha Sassi** (Nova Erechim - SC); **Linha Scalon** (Nova Erechim - SC); **Linha Scussiato** (Chapecó - SC); **Linha Scandolara** (Itá - SC); **Schianini** (Concórdia - SC); **Schiavini** (Concórdia - SC); **Sechi** (Tigrinhos - SC); **Sechi** (Cunha Porã - SC); **Linha Segalin** (Formosa do Sul - SC); **Aeroporto Serafim Bertaso** (Chapecó - SC); **Linha Simonetto** (Chapecó - SC); **Linha Siviero** (Abelardo Luz - SC); **Linha Smaniotto** (Seara - SC); **Linha Spegiorin** (Modelo - SC); **Linha Stanga** (Paraíso - SC); **Linha Stefani** (Palmitos - SC); **Stella** (Passos Maia - SC); **Sanga Stramari** (Campo Êre - SC); **Linha Sufiatti** ou **Sofiatti** (Xanxerê - SC); **Linha Linha Sviero** (São Domingos - SC); **Linha Taffarel** (Xanxerê - SC); **Linha Taffarel** (Itá - SC); **Linha Taffarel** (Caxambu do Sul - SC); **Linha Tavaela / Tavela** (Novo Horizonte - SC); **Linha Techio** (Palmitos - SC); **Linha Tessaro** (Descanso - SC); **Linha Tirelli** (Palmitos - SC); **Linha Tomazeli** (Chapecó - SC); **Linha Tonioli** (Palmitos - SC); **Linha Tormen** (Chapecó - SC); **Serraria Tozzo** (Passos Maia - SC); **Indústria de Madeiras Tozzo** (Passos Maia - SC); **Sede Trentin** (Chapecó - SC); **Trevisan** (São José do Cedro - SC); **Linha Trevisan** (Xavantina - SC); **Linha Trevisan** (Saltinho - SC); **Linha Triches** (Palma Sola - SC); **Bairro Turra** (Guaraciaba - SC); **Vacaro** (Ponte Serrada - SC); **Linha Vailon** (Chapecó - SC); **Bairro Valdir Delai** (Ipumirim - SC); **Linha Vani** (Seara - SC); **Linha Venci** (Águas Frias - SC); **Cachoeira do Vicenzi** (Ponte Serrada - SC); **Linha Pesqueiro Zaffari** (Xanxerê - SC); **Faz. Zafri** (Xanxerê - SC); **Linha Zanco** (Coronel Martins - SC); **Fazenda Zandavalli** (Guatambu - SC); **Chácara Zandoná** (Palma Sola - SC); **Fazenda do Zanella** (Irani - SC); **Linha Zanella** (Coronel Freitas - SC); **Linha/Vila Zenaide Bertaso** (Coronel Freitas - SC); **Linha Zeni** (Coronel Freitas - SC); **Linha Zim** (São Domingos - SC).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisando as formas antroponímicas encontradas na toponímia regional, pode-se constatar que a maioria dos nomes e sobrenomes nomeia acidentes humanos, principalmente, nomes que acompanham o elemento 'Linha', mas também como nomes de 'Granjas', 'Loteamentos', 'Serrarias', 'Assentamentos', 'Fazendas' e outras propriedades rurais. Há poucos casos de antropônimos italianos acompanharem elementos geográficos físicos, entres esses estão os hidrônimos *Cachoeira Salto Cadore* (Princesa - SC), *Sanga Stramari* (Campo Êre - SC), *Cachoeira do Vicenzi* (Ponte Serrada - SC), entre outros. Entre essas formas coletadas está o topônimo *Anita Garibaldi* (Xaxim - SC). Trata-se de um nome que possivelmente tem raízes com a personagem revolucionária, esposa de Giuseppe Garibaldi, com quem lutou na Guerra dos Farrapos (1835-1845).

Conforme os dados consultados em Caffarelli e Marcato (2008), boa parte dos sobrenomes presentes no nosso corpus é originária da Itália setentrional. Como bem salienta Frosi (2015) em seu estudo sobre os sobrenomes italianos no Brasil, muitos deles passam por adaptações e retoques na escrita e na oralidade devido aos fenômenos que surgem da comunicação local²⁰. Nos dados presentes nos mapas do IBGE, muitas grafias aportuguesadas foram encontradas nos antropônimos (ex. *Bianqueto* - [Serra Alta - SC] no lugar de *Bianchetto*), a redução dos grafemas 'ff', 'tt' e 'gg' por 'f', 't' e 'g' também se apresentou. Contudo, não se pode afirmar que as grafias apresentadas nos mapas do IBGE são as mesmas utilizadas no cotidiano das localidades. Também os

²⁰ "Questi cognomi rimangono nelle fonti scritte e orali, a volte con ritocchi linguistici dovuti al sistema di comunicazione locale e, quando vengono posti a confronto con quelli esistenti nel Paese che li ha accolti, provocano una reazione di stupore, nel nostro caso tra i brasiliani, e suscitano dubbi su quali debbano essere la scrittura e la pronuncia più corretta" (Frosi, 2015, p. 125).

dados que dispomos não são suficientes para afirmar que essa variação gráfica são consequências da repressão linguística e de assimilação dos nomes italianos no contexto brasileiro detalhados por Frosi (2015). Seria necessário um estudo mais profundo para comparar os dados do IBGE com outras fontes disponíveis (paisagem linguística, mapas municipais, fontes impressas, etc.).

De toda forma, nosso corpus é um material rico para estudos que tratam da difusão dos nomes de família e de suas transformações no decorrer da migração da Itália para a RCI e de lá para o Oeste de Santa Catarina. Na seguinte seção, se apresentam as ocorrências dos hagiônimos relacionados ao catolicismo de devoção italiana em situação de topônimos no Oeste Catarinense. As 60 formas recolhidas estão na tabela a seguir:

Tabela 2 – Hagiotopônimos.

Formas toponímicas
<i>Linha Nossa Senhora da Saúde</i> (03 ocorrências) ²¹ ; Nossa Senhora da Saúde (São José do Cedro - SC); <i>Capela de N. S. da Saúde</i> (Concórdia - SC); <i>Linha Salete</i> (11 ocorrências) ²² ; Salete (04 ocorrências) ²³ ; <i>Igreja de N. S. da Salete</i> (Presidente Castello Branco - SC); <i>Córrego Salete</i> (Pinhalzinho - SC); <i>Capela de Nossa Senhora da Salete</i> (Concórdia - SC); <i>Linha Caravaggio ou Caravaggio</i> (08 ocorrências) ²⁴ ; <i>Colônia Alto Caravaggio</i> (Peritiba - SC); <i>Linha Maria Goretti</i> (04 ocorrências) ²⁵ ; Santa Maria Goretti (Palmitos - SC); Maria Goretti (Irani-SC); <i>Bairro Maria Goretti</i> (Chapecó-SC); São Marcos (04 ocorrências) ²⁶ ; <i>Linha São Marcos</i> (Novo Horizonte - SC); <i>Linha São Valentim, Valentin ou Valentino</i> (06 ocorrências) ²⁷ ; São Valentim (05 ocorrências) ²⁸ ; <i>Capela de N. S. do Monte Belo</i> (Presidente Castello Branco - SC); <i>Linha Monte Belo</i> (Chapecó - SC); <i>Linha Monte Belo</i> (Jardinópolis - SC); Monte Belo (Xaxim - SC); <i>Bairro Monte Belo</i> (Chapecó - SC).

Fonte: Elaborado pelos autores.

A *Madonna di Caravaggio*, em port. *Nossa Senhora de Caravaggio*, é a santa italiana que possui maior ocorrência na toponímia do Oeste de Santa Catarina. Com 9 ocorrências, ela denomina apenas nomes de estradas rurais. Há muita variação em sua grafia, em particular, no que tange o emprego do grafema ‘gg’ do italiano. Em muitos casos, a denominação é escrita apenas com um ‘g’.

Segundo Poel (2013), a devoção à virgem de *Caravaggio* chegou ao Brasil com “os imigrantes italianos nas últimas décadas do séc. XIX” (p. 707). Sua devoção, segue o

²¹ *Linha Nossa Senhora da Saúde* (Anchieta - SC; Arvoredo - SC; Lindóia do Sul - SC).

²² 10 ocorrências de *Linha Salete* (São Domingos - SC; Jupiá - SC; Cunha Porã - SC; Paial - SC; Ipuacá - SC; Caibi - SC; São Bernardino - SC; Anchieta - SC; Guaraciaba - SC; Pinhalzinho - SC); 01 ocorrência de *Linha Salete / Nossa Senhora Salete* (Xanxerê - SC).

²³ 03 ocorrências de **Salete** (Modelo - SC; São Lourenço do Oeste - SC; Seara - SC); e 01 ocorrência de **Salete Fundos** (Modelo - SC).

²⁴ 05 ocorrências de *Linha Caravaggio* (Cordilheira Alta - SC; Guaraciaba - SC; Guarujá do Sul - SC; Coronel Martins - SC; Palmitos - SC); 03 ocorrências de *Linha Caravaggio* (Chapecó - SC; Peritiba - SC; Concórdia - SC).

²⁵ 03 ocorrências de *Linha Maria Goretti* (Peritiba - SC; Concórdia - SC; Itapiranga - SC); 01 ocorrência de *Linha Goretti* (Irani - SC).

²⁶ **São Marcos** (Caibi - SC; Seara-SC; Anchieta - SC; Bom Jesus do Oeste - SC).

²⁷ 04 ocorrências de *Linha São Valentim* (Descanso - SC; São Domingos - SC; Xaxim - SC; Irani - SC); 01 ocorrência de *Linha São Valentin* (Lindóia do Sul - SC); 01 ocorrência de *Linha São Valentino* (Xanxerê - SC).

²⁸ **São Valentim** (São José do Cedro - SC; Guaraciaba - SC; Ponte Serrada - SC; Seara - SC; Vargeão - SC).

autor, começou em 1432 com o aparecimento de Maria apregoando a paz. Além de seu santuário situado na localidade *Caravaggio*, nos arredores de Milão, a santa também possui outro em Farroupilha - RS, o qual é movimentado, principalmente, na festa popular dedicada essa virgem Maria, realizada no mês de maio.

O título dessa virgem é muito presente na toponímia do Rio Grande do Sul, reunindo 51 ocorrências nos dados do COTOPORS. A maior parte delas se situa na RCI. É bem provável que esse hagiônimo, entre os nomes de santas italianas, seja o mais empregado em nomes de lugares onde haja uma história de migração ítalo-gaúcha. No Mato Grosso, por exemplo, *Caravaggio* denomina não só um distrito, mas também uma fazenda no interior de Sorriso - MT, localidade conhecida pelo assentamento de pioneiros ítalo-gaúchos²⁹.



Fonte: Acervo privado dos autores.

Figura 3 – Bairro *Maria Goretti* em Chapecó - SC.

Outra santa de devoção italiana e presente na toponímia do Oeste de Santa Catarina é a *Santa Maria Goretti*. A devoção a essa santa remonta a história da menina que em 1902 foi violentada e esfaqueada por um rapaz de seu povoado, empregado de seu pai. No leito de morte, a jovem menina oferece o perdão e o paraíso ao seu assassino³⁰. A comoção que essa história gerou na Itália difundiu a devoção a *Maria Goretti* no mundo de diáspora italiana. Nos dados do COTOPOESC, encontrou-se 7 ocorrências, nomeando 6 localidades rurais e um bairro. Esse último situado em Chapecó - SC. Em algumas ocorrências dos dados do IBGE, o grafema ‘tt’ foi substituído por ‘t’. Nos dados do COTOPORS, foram registrados 8 registros com o nome dessa santa. *Maria Goretti* é, portanto, mais um nome trazido na bagagem denominativa vinda da RCI para o Oeste Catarinense.

A *Madonna della Salute* ou *Santa Maria della Salute*, em port. *Nossa Senhora da Saúde*, é igualmente uma virgem Maria de devoção italiana e que está presente nos dados toponímicos recolhidos nessa região. No total foram 5 ocorrências desse nome em, sobretudo, denominações de vias e comunidades rurais.

Tanto em Portugal, quanto na Itália foram construídas igrejas em devoção à virgem da Saúde devido às pestes que assolaram o Velho Mundo no final de 1500 e começo de 1600 (Poel, 2013). Contudo, aparentemente, a *Nossa Senhora da Saúde* de devoção portuguesa e luso-brasileira possui uma origem vinculada ao catolicismo

²⁹ Ver Tavares de Barros, Löff Machado e Philippsen (2018).

³⁰ Informações retiradas do site da Paróquia Santa Maria Goretti de Maringá - PR. Disponível em: <https://www.smariagoretti.com.br/historia>. Acesso: 26 out. 2023.

indiano, que é diferente da santa italiana, a *Santa Maria della Salute* de Veneza. Trata-se de santas diferentes, mas que no Brasil passaram a ser chamadas pelo mesmo nome *Nossa Senhora da Saúde*. A santa italiana está relacionada ao evento da peste que assolou a população do Vêneto em 1630, e vindo desse acontecimento, o governo local edificou a Basílica de *Santa Maria della Salute* em Veneza entre 1649-1650 como pagamento da promessa à virgem (Piana, 2014). É bem possível que a memória desse evento triste e dramático do passado dos italianos eternizou a gratidão à santa, levando a sua imagem junto à diáspora da imigração italiana.

Nos dados toponímicos do Rio Grande do Sul (corpus COTOPORS) foram registradas 26 ocorrências de *Nossa Senhora da Saúde*, em sua maioria na RCI e no Alto Uruguai Gaúcho, denominando capelas, igrejas e linhas rurais.

Outra santa ocorrente no Oeste de Santa Catarina é a *Madonna di Montebello*, em port. *Nossa Senhora de Monte Belo*, que aparece assim apenas num topônimo em Presidente Castello Branco - SC nomeando uma capela, em outras três ocorrências aparece apenas a forma *Monte Belo* precedido de um nome de elemento geográfico [*Linha Monte Belo* (Chapecó - SC); *Linha Monte Belo* (Jardinópolis - SC); *Monte Belo* (Xaxim - SC)]. É possível que essas três formas sejam uma redução do título da virgem, mas não se encontrou informações suficientes para comprovar. No entanto, optou-se em classificá-los como hagiotopônimos até que uma nova classificação seja possível.

Monte Belo é um topônimo também presente no Rio Grande do Sul, que por sua vez denomina o município Monte Belo do Sul - RS, forma aportuguesada da denominação italiana antiga da localidade: *Montebello*, com referência à cidade italiana do mesmo nome³¹. Todavia, é mais provável que seja uma homenagem ao nome da santa padroeira dessa cidade italiana, a *Madonna di Montebello*. Há a possibilidade de classificar esses três topônimos mencionados como casos de corotopônimos [neste caso, referentes à terra natal dos povoadores], pesquisas futuras podem fornecer essa informação, caso eles sejam realmente uma expressão de saudade da terra deixada.

Outra virgem de devoção italiana presente na toponímia do Oeste de Santa Catarina é a *Nostra Signora de La Salette* ou *Madonna di La Salette*, em port. *Nossa Senhora da Salette*. A história conta que essa virgem apareceu para dois pequenos pastores chorando e pedindo a conversão da humanidade (Poel, 2013). É uma santa francesa, mas de conhecida devoção na Itália³². Sua popularidade no catolicismo italiano propiciou a introdução do nome da santa no hábito dos italianos de denominar lugares nas áreas de imigração italiana do Rio Grande do Sul. De acordo com os dados do COTOPORS, há o registro de 15 localidades, em sua maioria entre a RCI e o Alto Uruguai Gaúcho, com o nome de *Nossa Senhora da Salette*. No Oeste de Santa Catarina, registrou-se 18 localidades com referência ao nome da santa, ora grafado com o grafema 'tt' [*Salette*], ora apenas com 't' [*Saleté*]. Aparentemente, o emprego do nome dessa *Madonna* nas denominações geográficas se manteve forte na história de transferência dos nomes do Rio Grande do Sul para o Oeste Catarinense.

Não só as santas, mas os santos italianos também aparecem em nomes de lugares no rincão oeste de Santa Catarina. O mais ocorrente, sem dúvida, é o de *San Valentino*, em port. *São Valentim*, com 11 ocorrências, ora grafado como *São Valentino*,

³¹ Conforme informações retiradas do portal IBGE Cidades.

³² Ver mais sobre no portal Santiebeati.it. Disponível em: <https://www.santiebeati.it/Detailed/91496.html>. Acesso: 27 out. 2023.

ora com apenas ‘n’ na última sílaba de *Valentin*: ‘*São Valentin*’. Na Itália, há a devoção por vários Valentins [*San Valentino di Genova*; *San Valentino di Roma*; *San Valentino di Terni*; entre outros]. O mais famoso é certamente o sacerdote e médico popular que viveu na Itália da época do imperador Claudius, de quem foi vítima de perseguições por sua luta em defesa do casamento e dos namorados (Poel, 2013).

Nos dados do COTOPORS, no Rio Grande do Sul, há o registro de 26 ocorrências na toponímia desse estado, ora grafado com ‘m’, ora com ‘n’ na sua última sílaba. Semelhante aos outros casos, a maioria delas está entre a RCI e o Alto Uruguai Gaúcho, sendo que é nessa última região que o nome denomina um município, o de São Valentim - RS [ver fig. 4]. *São Valentim* é, portanto, mais um caso transplantado do Rio Grande do Sul para o Oeste Catarinense. Outro santo muito recorrente na toponímia da região de colonização italiana no Rio Grande do Sul é *São Marcos* [com 26 ocorrências], o padroeiro da cidade de Veneza (Itália). No Oeste de Santa Catarina registrou-se, no entanto, a ocorrência apenas de 6 *São Marcos* na toponímia regional, isso segundo os dados do COTOPOESC.



Fonte: Acervo particular dos autores.
[Obs.: Foto retirada da janela do ônibus, São Valentim - RS].

Figura 4 - *São Valentim* na toponímia do Rio Grande do Sul.

Para além dos antropotopônimos e hagiotopônimos, documentou-se outros tipos de nomes que também podem ser considerados denominações relacionadas à história e à cultura da imigração italiana. Na tabela abaixo, se encontram as últimas classes de topônimos encontradas.

FLP 25(2)

Tabela 3 - Outras classes de topônimos registrados.

Classificação	Formas toponímicas
Animotopônimos	Belmonte (Belmonte - SC); <i>Lajeado Belmonte</i> (Belmonte - SC); <i>Lajeado Belmonte-Mirim</i> (Belmonte - SC); <i>Linha Belmonte</i> (Dionísio Cerqueira - SC); <i>Lajeado Belmonte-Mirim</i> (Santa Helena - SC); <i>Lajeado Belmonte</i> (Santa Helena - SC); <i>Linha Belvedere</i> (São Lourenço do Oeste - SC); Belvedere (São Lourenço do Oeste - SC); <i>Loteamento Belvedere</i> (04 ocorrências) ³³ ; <i>Loteamento Nostro Sonho</i> (Pinhalzinho - SC); <i>Bairro Vederti</i> (Chapecó - SC).
Geomorfotopônimos	Marema (Marema - SC).
Hierotopônimos	Capitel (São Miguel do Oeste - SC); <i>Vale Pio</i> (São João do Oeste - SC).
Etnotopônimo	<i>Córrego do Italiano</i> (Entre Rios - SC).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na classe dos animotopônimos, além do hibridismo *Nostro Sonho* (expresso na grafia), que denomina um loteamento em Pinhalzinho - SC, registrou-se a forma toponímica *Belvedere* nomeando 6 lugares no Oeste Catarinense. Em sua maioria, nomes de loteamentos em aglomerados urbanos. Aparentemente, o nome se inseriu na moda das denominações de empreendimentos imobiliários. O topônimo *Belvedere* é geralmente pronunciado no português local com a vocalização do som da consoante lateral /l/, portanto, realização /u/, e com a abertura da vogal /e/ na penúltima sílaba.

A palavra tem suas raízes no italiano, especificamente da composição *bel*_{port. belo, bonito} + *vedere*_{port. ver} [port. bela vista] e é amplamente usada no italiano europeu como sinônimo de “lugar elevado de onde se pode apreciar uma bela vista” (Lo Zingarelli, 1994)³⁴. É exatamente com esse sentido que se apresenta o uso dessa forma no Rio Grande do Sul, ou seja, na condição de nome de elemento genérico e sinônimo da palavra portuguesa ‘mirante’³⁵. Há o registro de pelo menos 9 ocorrências de *belvedere* no corpus do COTOPORS que se caracterizam assim³⁶. Do outro lado das margens do Uruguai, nos dados do COTOPOESC, os *Belvedere* estão na condição de nome específico, ou seja, de topônimo e somente em São Lourenço do Oeste - SC, ele nomeia uma localidade rural: a *Linha Belvedere*.

Outro suposto animotopônimo é *Belmonte*. Esse nome é caracterizado por Caffarelli e Marcato (2008) como um nome de família, na condição de forma paralela aos antropônimos *Belmónti* e *Bellomónte*. A forma lexical *bel*_{port. belo, bonito} + *monte*_{port. monte, colina}, segundo os autores, pode ter raízes em nome de pessoa, documentado como sobrenome desde 1166, ou em vários nomes de lugares existentes, principalmente, no centro sul da península itálica (Caffarelli e Marcato, 2008).

Ao contrário do Rio Grande do Sul, que não possui registro desse termo nos dados do COTOPORS, no Oeste de Santa Catarina há 6 ocorrências dessa forma lexical em condição de topônimo. Um dos *Belmonte* denomina o município de *Belmonte*

³³ *Loteamento Belvedere* (Bairro de Chapecó-SC; Pinhalzinho - SC; Xaxim - SC; São Miguel do Oeste - SC).

³⁴ “luogo elevato da cui si gode una bella veduta”. (Lo Zingarelli, 1994, p. 211).

³⁵ Em relação ao uso de *belvedere* no português falado na RCI, além de outros topônimos, agradeço imensamente as preciosas informações fornecidas pela Profa. Vitalina Maria Frosi, pela Profa. Giselle Mantovani Dal Corno e pelo colega Renan Radavelli. No que tange *Belvedere*, ainda cabe mencionar que o empréstimo não está registrado no *Dicionário de italianismos* de Battisti et al. (2006).

³⁶ É o caso dos topônimos *Belvedere da Dupla Ferradura* (Cotiporã - RS), *Belvedere do Espigão* (Veranópolis - RS) e *Belvedere do Rio da Prata* (Vila Flores - RS).

- SC, fundado em 1945 e emancipado em 1992³⁷. Nele, a forma denomina ainda dois hidrônimos. Segundo os dados históricos presentes no portal do IBGE Cidades, o nome da localidade tem duas explicações motivacionais. A primeira é que parte dos colonizadores de origem italiana a denominou assim devido ao aspecto do relevo local. Por esse viés, o nome certamente foi dado na língua materna, a *koiné* vêneta e, posteriormente, emprestado ao português. A segunda explicação é que na localidade havia um curandeiro de sobrenome *Belmonte*³⁸. No que tange a segunda explicação, cabe salientar que esse sobrenome também existe no sistema antroponímico português e é de motivação toponímica, advinda de vários lugares denominados *Belmonte* em Portugal (Machado, 1984). Portanto, a possibilidade de *Belmonte* ter raízes no italiano dialetal se baseia no fato da localidade ter história de (i)migração italiana, mas as verdadeiras origens desse topônimo só podem ser esclarecidas em estudos mais aprofundados e documentais. No momento, resolvemos classificá-lo como um italianismo na condição de animotopônimo.

Como geomorfotopônimo se documentou *Marema* que denomina um município no vale do Rio Chapecozinho. O termo *marémma* é usado na língua italiana *standard* para denominar uma região baixa e pantanosa próxima ao mar³⁹. A palavra é igualmente registrada no *Dizionario Veneziano* de Cortelazzo (2007). No dicionário mais completo e contemporâneo do vêneta sul-rio-grandense / Talian consultado não se encontra o registro da forma, só o sinônimo *paluda* ou *paluga*⁴⁰. Igualmente acontece no dicionário de Tonial (1997). Por essa razão, é difícil afirmar se *marémma* é ainda usado na *koiné* vêneta. Nos dados do IBGE Cidades, há a informação de que o nome foi dado pelos colonizadores de origem italiana à localidade, pois ela era muito pantanosa⁴¹.

Nos dados do COTOPOESC também se registrou o etnotopônimo *Córrego do Italiano* (Entre Rios - SC), que de certa forma revela a presença da identidade do colono ítalo-brasileiro na localidade, como proprietário da terra por onde corre as águas do curso d'água. Sabe-se que na região também se utiliza a alcunha 'gringo' para se referir ao colono de origem italiana. No entanto, não há registros desse termo nos dados atuais do COTOPOESC.

Também se documentou dois hierotopônimos: *Vale Pio* (São João do Oeste - SC) e *Capitel* (São Miguel do Oeste - SC). O primeiro pode ter relação com o catolicismo, uma vez que vários papas da Igreja Católica Romana receberam o nome *Pio* (Papa Pio XI, Papa Pio XII, etc.). A palavra é usada no italiano para denominar

³⁷ Ver o histórico de Belmonte no IBGE Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/belmonte/historico>. Acesso: 27 out. 2023.

³⁸ “A primeira é a da fusão das palavras *belo* e *monte* e teria sido dada pelos colonizadores. A segunda afirma que o nome é uma homenagem a um curandeiro local de sobrenome Belmonte” (IBGE Cidades).

³⁹ “regione bassa e paludosa vicina al mare” (Lo Zingarelli, 1994, p. 1056).

⁴⁰ “**Paluda**. s.m. Pântano, terreno alagado, local encharcado. Var. *paluga*” (Loregian-Penkali; Dal Castel; Canzi, 2023, p. 396)

⁴¹ “Em 1940, gaúchos, descendentes de imigrantes italianos, oriundos dos municípios de Erechim, Guaporé e Nova Prata, chegaram à região de *Marema* para explorar a madeira nativa, extremamente abundante na época. O local lembrava os pântanos da Itália, chamados de *marémma*. Vem daí o nome do município. Quando era distrito, chegou a se chamar *Marrecas*, mas por haver outras localidades com a mesma denominação, o lugar foi batizado *Marema*.” Retirado do IBGE Cidades. Link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/marema/historico>. Acesso: 27 out. 2023.

alguém profundamente devoto da própria religião que pratica, ou seja, que manifesta devoção e religiosidade (Lo Zingarelli, 1994). Contudo, a palavra existe no português e com o mesmo sentido. Dessa forma, Vale Pio só teria raízes italianas se o nome do lugar realmente é uma homenagem ao antigo chefe da igreja católica.

O segundo hierotopônimo, *Capitel*, é termo de forte ocorrência na toponímia do Rio Grande do Sul (28 ocorrências) e na maioria das vezes esse nome está na condição de designação de nome genérico. O italianismo *Capitel* é denominação da *koiné* vêneta para “a capelinha erguida na beira das estradas”⁴² e, aparentemente, está integrado ao português da RCI, apesar de não estar registrado no dicionário de Battisti et al. (2006).

A forma tem raízes em *capitèllo* [do lat. *capitèllu(m)*] (Cortelazzo e Zolli, 1988), no vêneto europeu é grafado como *capitèlo* (Cortelazzo, 2007) ou *capitèlo* (Cavallin, 2010). A diminuição drástica da presença desse termo da toponímia rio-grandense para a do oeste-catarinense pode ter explicações extralinguísticas, como por exemplo, o desaparecimento desse costume tão próprio da devoção do imigrante italiano de construir um *capitel* para pagar uma promessa alcançada. No entanto, a ausência desse nome nos mapas de municípios catarinenses do IBGE também pode ter uma explicação técnica, como a escolha dos profissionais da cartografia de não considerarem esse acidente na elaboração dos mapas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

FLP 25(2)

A toponímia italiana do Oeste de Santa Catarina está muito vinculada ao patrimônio toponímico de imigração italiana do Rio Grande do Sul, uma vez que esse estado foi o responsável por boa parte da história de povoamento das terras do outro lado do Rio Uruguai. A classe de topônimos mais ocorrente é a de antropotopônimos, sendo em sua maioria constituída por nomes de família. O uso dos sobrenomes familiares na nomeação de localidades é a forma mais antiga de apropriação do espaço, desde os tempos feudais, como bem elucidada Longnon (1920).

Os hagiotopônimos é a segunda taxa mais representativa. Muitos nomes de santos italianos empregados na toponímia do Rio Grande do Sul foram transplantados para o Oeste Catarinense, outros não. É o caso, por exemplo, da *Madonna del Pedancino*⁴³, em port. *Nossa Senhora do Pedancino*⁴⁴, que não possui nenhuma ocorrência nos dados do COTOPOESC. O mesmo passou com a *Madonna di Monte Bérico*, em port. *Nossa Senhora do Monte Bérico*, e da *Madonna della Follina*, em port. *Nossa Senhora da Follina*, presentes na toponímia da RCI e do Alto Uruguai Gaúcho, mas ausente na toponímia do Oeste Catarinense. Outra santa é a *Madonna del Rosario di Pompei* ou *Vergine del Santo Rosario di Pompei*, em port. *Nossa Senhora do Rosário de Pompéia*. Ela aparece na toponímia italiana do Rio Grande do Sul, às vezes, só pelo nome de *Nossa Senhora da Pompéia*, denominando estradas, cemitérios, capelas e igrejas (segundo os dados do COTOPORS)⁴⁵. No Oeste de Santa Catarina, registrou-se alguns topônimos

⁴² Loregian-Penkal; Dal Castel; Canzi (2023, p.113).

⁴³ Também denominada de *Nostra Signora del Pendancino*.

⁴⁴ Com três ocorrências nos dados do COTOPORS.

⁴⁵ Capela Nossa Senhora Pompéia (Vista Alegre do Prata - RS); Estrada Pompéia (Doutor Ricardo - RS); Igreja Nossa Senhora da Pompéia (Gramado - RS); Estrada Nossa Senhora de Pompéia (Ipê - RS); Gruta Nossa Senhora de Pompéia (Cotiporã - RS); Cemitério Nossa Senhora da Pompéia

que levam o nome *Rosário*, contudo em nenhum dos casos ficou claro que o nome faz referência ao nome da santa.

A quantidade de topônimos recolhidos pelo COTOPOESC até o momento está muito aquém do potencial de recolha de corpus para essa região. Os dados do COTOPOESC são majoritariamente de toponímia rural, uma vez que é essa macrotoponímia que os mapas do IBGE possibilitam recolher. Falta acrescentar a esse corpus toda a microtoponímia dessa região, ou seja, a toponímia essencialmente urbana. Apesar dessa lacuna, os dados disponíveis possibilitam ver através dos topônimos constelações e camadas de assentamento humano advindos da história da (i)migração italiana.

REFERÊNCIAS

- Ananias ACCS. As Nossas Senhoras na toponímia paranaense. *Papéis*. 2020;24:148-166.
- Baretta RC. Estudo toponímico dos bairros e distritos de Farroupilha - RS [dissertação]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2012.
- Battisti E, et al. Dicionário de italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS; 2006.
- Beloni WC, Borstel CN. Topônimos: enunciação e memória da identidade italiana em Cascavel, Paraná. *Fórum linguistic*. 2016 jul.-set.;13(3):1397-1414.
- Bertoletti FEV. A crônica de um povo: a toponímia na cidade de Cotiporã. 2016 [dissertação]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2016.
- Borba FS. Dicionário de usos do português do Brasil. São Paulo: Ática; 2002.
- Caffarelli E, Marcato CI. *Cognomi d'Italia: dizionario storico ed etimologico*. Vol. 1 A-G. Torino: Garzanti; 2008.
- Cardoso JÁ, Westphalen CM. Atlas histórico do Paraná. 2.^a ed. ver. ampl. Curitiba: Livraria do Chain; 1986.
- Carvalho APMA. Hagiotoponímia em Minas Gerais [tese]. Belo Horizonte: UFMG; 2014.
- Cavallin G. *Dizionario della lingua veneta*. Acquaviva S, Pellegrini GB, prefácio. Teolo/Padova: Zephyrus Edizioni; 2010.
- Cioato FB. Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas [dissertação]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2012.
- Cordeiro MJC, Lourenço L, Cunha ELTPC. Toponímia transplantada de origem italiana no Brasil: o caso do modificador “novo”. *Caligrama*. 2021;26(1):69-94. [citado 16 out. 2023]. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.26.1.69-94>.
- Cortelazzo M. *Dizionario veneziano della lingua e della cultura popolare nel XVI secolo*. Padova: La Linea Editrice; 2007.
- Cortelazzo M, Zolli P. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli; 1980-1988.
- Cunha AG, [et al.]. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; 2007.
- Dal Pizzol EV. Os nomes das escolas da cidade de Bento Gonçalves: uma perspectiva onomástico-cultural [dissertação]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2014.

(Cotiporã - RS); Linha Pompéia (Garibaldi - RS); Cemitério Nossa Senhora da Pompéia (Veranópolis - RS); Capela Nossa Senhora da Pompéia (Veranópolis - RS).

- De Felice E. *Dizionario dei cognomi Italiani: origine, etimologia, storia, diffusione e frequenza di oltre 14.000 cognomi*. 4.^a ed. Milano: Arnoldo Mondadori Editore; 1986.
- Dick MVPA. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado; 1990.
- Eckert K. Estudos toponímicos na região de colonização italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. *GTLex*. 2020;6(1):20-38. [citado 16 out. 2023]. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/55836>.
- Filgueiras ZF. *A presença italiana em nomes de ruas de Belo Horizonte: passado e presente [dissertação]*. Belo Horizonte: UFMG; 2011.
- Filgueiras ZF. *Italianos em Belo Horizonte: estudo léxico-social e proposta de dicionário [tese]*. Belo Horizonte: UFMG; 2016.
- Filipak F. *Dicionário sociolinguístico paranaense*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná; 2002.
- Francipane M. *Dizionario ragionato dei cognomi italiani*. Milano: edizione BUR; 2005.
- Frosi VM. *Cognomi italiani in Brasile. Il caso di una parrocchia di Caxias do Sul*. *Rivista Italiana di Onomastica*. 2015;5:125-134.
- Frosi VM. Os logradouros de Caxias do Sul: seus nomes, suas interconexões. In: *II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Évora: Universidade de Évora; 2010. p. 50-73.
- Frosi VM, Faggion CM, Dal Corno GOM. *Toponimi italiani in terra brasiliana*. *Rivista italiana di Onomastica*. 2008;14:403-419.
- Furtado NF. *Vocábulos indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS; 1969.
- Guérios RFM. *Nomes e sobrenomes: tudo o que você gostaria de saber e não lhe contaram. Dicionário etimológico*. 4.^a ed. São Paulo: VM Edições; 1994.
- Isquierdo AN. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural [tese]*. Araraquara: Unesp; 1996.
- Lo Zingarelli 1994. *Vocabolario della lingua italiana di Nicola Zingarelli*. 12.^a ed. Bologna: Zanichelli; 1993.
- Longnon A. *Les noms de lieu de la France: leur origine, leur signification, leurs transformations*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion; 1920.
- Loregian-Penkall L, Dal Castel J, Canzi W. *Dissionário talian brasilian*. Guarapuava: Unicentro; 2023.
- Machado JP. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência; 1984.
- Marquetti D, Silva JBL. *Cultura cabocla nas fronteiras do sul*. In: Radin JC, Valentini DJ, Zarth PA. *História da Fronteira Sul*. Porto Alegre: Letra e Vida; Chapecó: UFFS; 2015. p. 109-129.
- Mioranza C. *Dicionário dos sobrenomes italianos*. Vol. I. São Paulo: Escala; 1997.
- Misturini B. *A toponímia em Bento Gonçalves: um estudo interdisciplinar sobre os bairros da cidade [dissertação]*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2014.
- Misturini B. *A formação de uma região: leituras das marcas de colonização italiana nos topônimos do Nordeste do Rio Grande do Sul [doutorado]*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2018.
- Navarro EA. *Dicionário de tupi antigo: a indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global; 2013.
- Pegoraro A. *Estudo dos nomes das cidades da quarta colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul [dissertação]*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2013.
- Piana M. *La cupola di S. Maria della Salute e i suoi restauri*. In: *Storia e restauro: Studi, ricerche, tesi*. Dipartimento di Culture del Progetto. Università Luav di Venezia; 2014.
- Poel F. *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Cultura; 2013.
- Queirazza GG, et al. *Dizionario di toponomastica: storia e significato dei nomi geografici italiani*. 2.^a ed. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese; 1997.

- Radin JC. Um olhar sobre a colonização da fronteira sul. In: Radin JC, Valentini DJ, Zarth PA. *Historia da Fronteira Sul*. Porto Alegre: Letra e Vida / Chapecó: UFFS; 2015. p. 146-166.
- Ribeiro D. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; 1995.
- Ruscheinski A. Traços da história do Oeste de Santa Catarina. *Biblos*. 1996;8:159-178.
- Sampaio T. *O tupi na geografia nacional*. 5.^a ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL; 1987.
- Sartori TO. *Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico [dissertação]*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2010.
- Schaden FSG. Denominações caingang na geografia brasileira. *Revista do Arquivo Municipal*. 1938;XLIII:23-30.
- Silva MDP. *A razão de nomear: o papel da identidade étnica na denominação dos logradouros de Caxias do Sul [dissertação]*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; 2011.
- Tavares de Barros FH, Löff Machado L, Philippsen NI. Toponímia e (i)migração no norte de Mato Grosso: os antropônimos em nomes de fazenda em Sorriso MT. In: Philippsen NI, Lima JL, organizadores. *Diversidade e variação linguística em Mato Grosso*. Vol. 1. Cáceres - MT: Editora UNEMAT; 2018. p. 71-100.
- Tonial H. *Dicionário português - talian*. Porto Alegre: Est; 1997.
- Vicenzi R. *Mito e história na colonização do oeste catarinense*. Chapecó: Argos; 2008.